

Concordo.

PROPOSTA A ABERTURA DE
PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO
COMO BEM MÓVEL DE INTERESSE
NACIONAL DA COLUBRINA EM
BRONZE, DE 1545, DO MUSEU

Elsa Pinho
Diretora de Coleções
MMP, E.P.E.

de Angra do Heroísmo
A CONSIDERAÇÃO SUPERIOR
Elsa Gouveia 09-04-2026

Determino a abertura
do procedimento de
classificação como bem
móvel de interesse nacional
09. 04. 2026

Alexandre Nobre Pais
Presidente do Conselho de Administração
MMP, E.P.E.

INFORMAÇÃO n.º 299/COLEÇÕES/2026

data: 08.04.2026

ENT.:

processo nº: H01(2026)

assunto: Proposta de abertura de procedimento de classificação como Bem Móvel de Interesse Nacional da colubrina em bronze, da autoria do mestre fundidor João Dias, datada de 1545, pertencente ao acervo do Museu de Angra do Heroísmo. Requerimento apresentado pelo Museu de Angra do Heroísmo

1. ENQUADRAMENTO LEGAL

Lei de Bases do Património Cultural, Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, nomeadamente no disposto do artigo 17.º, referente aos critérios genéricos de apreciação para a classificação ou a inventariação dos bens culturais móveis.

Decreto-Lei n.º 148/2015, de 4 de agosto, que estabelece o regime da classificação e da inventariação dos bens móveis de interesse cultural e define os critérios específicos para a classificação de bens móveis como de Interesse Nacional, Interesse Público ou Interesse Municipal.

Decreto-Lei n.º 79/2023, de 4 de setembro, que procede à criação da entidade pública empresarial Museus e Monumentos de Portugal (Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.)

2. ANTECEDENTES

– Por Resolução do Conselho do Governo da Região Autónoma dos Açores n.º 191/2023, de 5 de dezembro, foi determinado que fosse desencadeado o procedimento tendo em vista a classificação como Património Móvel de Interesse Nacional – Tesouro Nacional de uma das três colubrinas quinhentistas existentes no acervo do Museu de Angra do Heroísmo (MAH), museu integrado na Rede Portuguesa de Museus, identificada sob o número de inventário MAH.R.1991.0676, por deter elevado valor histórico, arqueológico e artístico.

– Em cumprimento da referida resolução, o MAH preparou e submeteu a esta entidade o requerimento inicial, incluindo todos os anexos com a documentação técnico-científica abrangente (Anexos 0 a 11), relativos à colubrina em bronze datada de 1545 e assinada pelo mestre fundidor João Dias, Joam Diaz (IODIZ), identificada em contexto arqueológico subaquático na Baía de Angra do Heroísmo em 07.08.1972.

– A peça encontra-se inventariada desde 1972, estando na posse da Região Autónoma dos Açores, na Ilha Terceira e integra o acervo permanente do MAH, onde se encontra atualmente exposta no Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima.

- Com o registo de entrada E00957-202603, o Museu de Angra do Heroísmo apresentou à Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., o Requerimento Inicial para a abertura do procedimento de classificação de uma colubrina em bronze do século XVI, integrante do seu acervo, com o número de inventário MAH.R.1991.0676, submetido em 12 de março de 2026.

- Foi ainda comunicado que o referido requerimento havia sido anteriormente submetido em 13 de dezembro de 2023, não tendo, contudo, transitado da Direção-Geral do Património Cultural para a Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., na sequência da reorganização institucional então ocorrida.

- Foi entendido que o bem cultural móvel em apreço tem relevante valor cultural para a Nação, passível de ser enquadrado no nível superior de classificação, como interesse nacional.

- Por despacho superior datado de 18 de março de 2026, foi solicitado ao signatário a informação da proposta, tendo em vista a tomada de decisão relativamente à abertura ou arquivamento do procedimento, considerando-se que os dados básicos solicitados no Modelo de Requerimento Inicial aprovado pelo Despacho n.º 7931/2010, do Secretário de Estado da Cultura, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 87, de 5 de maio, foram fornecidos.

3. INSTRUÇÃO

3.1. Ficha do bem

Tab. 1 - Identificação do Bem

Bem ou conjunto de bens	Colubrina em bronze do século XVI (1545)
Número de bens	1 peça de artilharia (boca-de-fogo)
Título/Denominação do bem	Colubrina em bronze fundida por Joam Diaz, 1545
Principal responsável (autoria)	Mestre fundidor Joam Diaz (IODIZ), fundição de artilharia de Lisboa (assinada)
Outros intervenientes	Produção associada às oficinas de fundição régias/lisboetas do reinado de D. João III, integrando o programa de modernização bélica do período
Datação de produção	Ano de fundição inscrito: 1545 (cartela em baixo-relevo)
Local de produção	Lisboa, Portugal
Descrição técnica / Suporte físico	– Liga metálica: bronze (cobre + estanho) – Técnica: fundição integral em molde vertical; cinzelagem de elementos decorativos – Tipo: boca-de-fogo de antecarga, alma lisa, rácio ~36 calibres (típico de colubrinas) – Elementos estruturais: dois munhões a 149 mm abaixo da linha média; quatro anéis para arganéis (dois ausentes)
Marcas, inscrições e decoração:	– Cartela com marca: IODIZ (Joam Diaz) – Cartela com data: 1545 – Esfera armilar e armas reais portuguesas – Mascarões, festões, acantos trilobados (estética renascentista) – Troféu de armas – Cascavel com guerreiro clássico
Dimensões	– Comprimento total: 4391 mm; Diâmetro máximo: 565 mm; Largura máxima: 417 mm – Calibre medido: 118 mm
Peso	– Peso: 2 570 kg
Função Original	Peça de artilharia destinada a ser montada em reparo de praça e instalada em fortificação, para bater navios a grande distância.
Estado de conservação	Bom
Denominação do Sítio associado/Código Nacional de Sítio (CNS)	Parque Arqueológico Subaquático de Angra do Heroísmo (sem CNS atribuído)
Contextualização	Encontrada em contexto arqueológico, pousada no fundo do mar, em zona com fundo arenoso a cerca de 40 m de profundidade e a 30 m da raiz da rocha do Monte Brasil no alinhamento com o Forte de Santo António. Nesta campanha arqueológica e em prospeções anteriores (década de 1950) não foram realizados estudos prévios, nem foi aplicada uma metodologia que contextualizasse explicitamente o achado.
Propriedade do bem	Região Autónoma dos Açores / Tutela da Secretaria Regional da Cultura / Custódia do Museu de Angra do Heroísmo (Nº de inventário: MAH.R.1991.0676)
Breve descrição	Boca-de-fogo em bronze que, pelo seu grande comprimento de cano — cerca de 36 calibres — se insere tipologicamente na classe das colubrinas. Trata-se de peças concebidas para o batimento de alvos a grande distância, caracterizadas por calibres relativamente reduzidos e canos longos, permitindo a utilização de maior quantidade de pólvora, cuja combustão ocorria integralmente no interior do cano, potenciando assim o alcance e a eficácia do disparo. Atendendo às suas dimensões e peso, este tipo de peça não se destinava ao uso naval. O exemplar, datado de 1545, encontra-se assinado pelo mestre fundidor de D. João III, Ioham Diaz (João Dias), apresentando na bolada as armas reais e a empresa pessoal deste monarca, a esfera armilar. Possui quatro arganéis de suspensão. Toda a colubrina é profusamente decorada com elementos vegetalistas, destacando-se a ornamentação em folhas de acanto. O primeiro reforço assume a forma de uma coluna de inspiração clássica, enquanto a cascavel é decorada com a figura de um guerreiro clássico, representado de perfil, numa expressão clara da estética renascentista.

3.2. Análise formal

A colubrina em apreço apresenta um conjunto excecional de qualidades formais, técnicas, materiais e iconográficas que lhe conferem um estatuto singular no panorama da artilharia portuguesa do século XVI, justificando plenamente a abertura do procedimento conducente à sua classificação como Bem Móvel de Interesse Nacional.

Trata-se de uma boca-de-fogo em bronze de grandes dimensões, com 4,391 m de comprimento, correspondendo a uma proporção aproximada de 36 calibres, e apresentando um calibre medido de 118 mm (c. 12 cm). Estas características inserem-na inequivocamente na tipologia das colubrinas de longo alcance, peças de artilharia concebidas para o batimento de alvos a grande distância. No contexto quinhentista, este tipo de armamento representava um dos patamares mais avançados da tecnologia balística europeia, combinando precisão, potência e inovação técnica numa escala até então sem precedentes, e permitindo atingir navios inimigos a distâncias significativamente superiores às de outras armas contemporâneas. A colubrina desempenhou, por essa razão, um papel determinante na guerra naval e na defesa costeira.

Do ponto de vista técnico-construtivo, a peça apresenta alma lisa e sistema de antecarga, integrando plenamente as práticas metalúrgicas vigentes na primeira metade do século XVI, nomeadamente a fundição vertical em molde integral. O comprimento excecional do cano exigia elevada perícia técnica, tanto no controlo da concentricidade entre alma e parede exterior como na homogeneidade da liga metálica, revelando a intervenção de um mestre fundidor altamente qualificado e o enquadramento da peça num contexto de clara experimentação e aperfeiçoamento tecnológico.

A articulação entre forma e função manifesta-se na sequência regular dos reforços do cano, na presença dos dois munhões e dos quatro arganéis de suspensão, bem como no perfil esguio e alongado, característico das colubrinas. Contudo, é no domínio formal e iconográfico que esta peça atinge um grau de elaboração particularmente elevado e raro no âmbito da artilharia portuguesa do período. O primeiro reforço, canelado, remete diretamente para o vocabulário clássico da arquitetura renascentista, evocando o fuste de uma coluna, enquanto o coronel da boca sugere a forma de um capitel, conferindo à arma uma dignidade escultórica pouco comum em objetos de natureza bélica.

O denominado falso segundo reforço integra uma cartela com a marca IODIZ, permitindo a identificação inequívoca do mestre fundidor *Iohan Diaz* (João Dias), figura maior da fundição de artilharia em Lisboa durante o reinado de D. João III. Este exemplar, datado de 1545, constitui o mais antigo conhecido inequivocamente atribuível a este mestre, do qual se conhecem apenas três outros exemplares em território português, facto que reforça significativamente o seu valor histórico, artístico e documental.

A bolada assume-se como o núcleo decorativo e simbólico mais expressivo da peça. Nela articulam-se folhas de acanto trilobadas em baixo-relevo, festões e mascarões, motivos associados quer aos ciclos naturais, quer à alternância simbólica entre guerra e paz. Este programa ornamental integra ainda as armas reais portuguesas e a esfera armilar — empresa pessoal de D. João III —, ícones do poder régio, da autoridade marítima e da projeção ultramarina do Reino. A inscrição da data de 1545 e a presença de um troféu de armas completam este dispositivo iconográfico, reforçando simultaneamente o carácter comemorativo, identitário e funcional da colubrina.

A cascavel, plana, decorada com a figura de um guerreiro clássico de perfil, constitui um elemento iconográfico de excecional raridade na artilharia portuguesa, estabelecendo um diálogo direto com modelos italianos e centro-europeus e revelando a plena assimilação das linguagens humanistas do Renascimento no campo da fundição de armamento.

Enquanto objeto arqueológico, a colubrina apresenta uma pátina coerente com uma permanência prolongada em meio subaquático. A sua recuperação, em 1972, na baía de Angra do Heroísmo, a cerca de 40 metros de profundidade e no alinhamento do Forte de Santo António, permite uma leitura integrada entre a morfologia da arma e o sistema defensivo marítimo do Monte Brasil. A conjugação entre o local de achado e o alcance potencial da peça reforça a interpretação da colubrina como armamento destinado ao tiro de longo alcance, posicionada estrategicamente para atingir navios inimigos muito antes da sua aproximação à costa.

O conjunto destas características — construtivas, decorativas, materiais, simbólicas e contextuais — revela uma peça de excecional qualidade artística e tecnológica, testemunho privilegiado da evolução da fundição de artilharia em bronze, da consolidação de modelos renascentistas no espaço português e da afirmação estratégica da defesa atlântica nacional no século XVI. Pela sua raridade, autenticidade, integridade material e valor histórico-artístico, esta colubrina afirma-se como obra paradigmática da chamada artilharia erudita portuguesa,

cumprindo de forma plena os critérios legalmente exigidos para a classificação de bens culturais móveis de interesse nacional.

A relevância patrimonial do bem ora proposto encontra-se devidamente fundamentada no requerimento apresentado pelo Museu de Angra do Heroísmo (MAH), entidade detentora da peça, que instrui o presente procedimento de classificação.

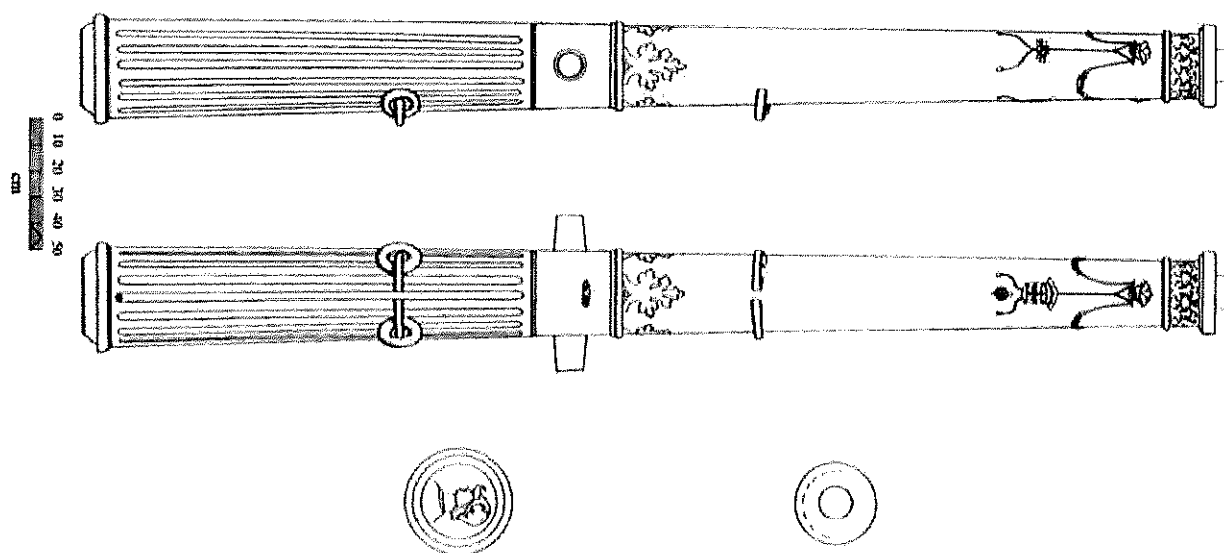


Fig. 1 – Alçado e vista superior, cascavel e boca da colubrina MAH.R.1991.0676.

Fonte: Dossier de Proposta de classificação de Colubrina em bronze do século XVI, MAH

4. PARECER

4.1. Fundamentação da proposta de classificação

De acordo com o disposto no artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 148/2015, de 4 de agosto, e em resultado da análise desenvolvida no âmbito da proposta apresentada pelo Museu de Angra do Heroísmo, verifica-se que o bem cultural em apreço evidencia um interesse cultural relevante nos seguintes domínios:

- artístico;
- arqueológico;
- científico;
- documental;
- histórico;
- social;
- técnico.

A sua proveniência de contexto arqueológico subaquático, associado ao sistema defensivo marítimo de Angra do Heroísmo, confere-lhe um valor arqueológico particularmente significativo, enquanto testemunho material direto das práticas militares e da organização estratégica da defesa atlântica insular. No plano histórico, a colubrina integra o artilhamento do período manuelino-joanino, constituindo um elemento fundamental para a compreensão da evolução das defesas açorianas, em especial no quadro da resistência armada à União Ibérica e da subsequente reorganização estratégica do arquipélago.

Do ponto de vista técnico, representa um exemplar notável da fundição portuguesa de bronze do século XVI, evidenciando soluções avançadas de conceção, fabrico e tiro, características das colubrinas de grande alcance utilizadas na guerra naval e costeira. Acresce o seu elevado valor artístico, tratando-se da mais antiga boca-de-fogo decorada conhecida em Portugal, com um programa ornamental de matriz renascentista plenamente integrado na morfologia funcional da peça, conferindo-lhe singularidade e exemplaridade no panorama da artilharia nacional.

Por todas as razões aduzidas, somos de parecer que a colubrina em bronze pertencente ao acervo do Museu de Angra do Heroísmo (MAH.R.1991.0676) é um bem de relevante valor para a Nação que demonstra valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade (artigo 2º, nº3 da Lei nº107/2001, de 8 de setembro).

Mais, nos termos do n.º 3 do Artigo 17º do Decreto-Lei nº 148/2015, de 4 de agosto, são ainda tidos em conta os seguintes critérios:

- a) **O Carácter matricial do bem:** o bem arqueológico sobre o qual incide esta proposta de classificação tem carácter matricial, ou seja, representa, efetivamente, a matriz original de uma realidade histórica relacionada com a evolução da artilharia portuguesa do século XVI, a afirmação tecnológica da fundição de bronze e a configuração do sistema defensivo atlântico insular. Pela sua morfologia, tipologia e programa decorativo, a colubrina constitui um modelo primário e plenamente representativo da colubrina de grande alcance utilizada no período manuelino-joanino, testemunhando a fase inicial de consolidação das práticas balísticas de longo alcance e o papel estratégico dos Açores no dispositivo militar do Reino. A peça materializa, assim, o arquétipo técnico, formal e simbólico de um tipo de armamento cuja compreensão é essencial para o estudo das dinâmicas defensivas, das tecnologias metalúrgicas e da estética renascentista aplicada à artilharia portuguesa.

- b) **O génio do respetivo criador:** O bem arqueológico em causa, tanto pela sua estética, como pelo modo como foram concebidos e executados, revelam a mestria técnica e artística do seu autor, evidenciando um grau de sofisticação que ultrapassa a função meramente utilitária da peça. A identificação da marca IODIZ, atribuída ao mestre fundidor Joam Diaz, permite reconhecer nesta colubrina uma obra representativa do talento e do saber-fazer de um dos mais relevantes fundidores portugueses do século XVI, cuja produção se caracteriza pela elevada qualidade da fundição, pela precisão das proporções e pela aplicação criteriosa de motivos decorativos renascentistas. A combinação entre engenharia militar avançada, domínio metalúrgico e linguagem ornamental integrada demonstra a ação de um criador dotado de engenho excecional, capaz de conciliar funcionalidade bélica com um programa estético coerente e erudito. Assim, a peça reflete de forma exemplar o “génio do respetivo criador”, constituindo um marco significativo no desenvolvimento da fundição artística e tecnológica da artilharia portuguesa.

- c) **O interesse do bem enquanto testemunho notável de vivências ou factos históricos:** esta boca-de-fogo evidencia um testemunho notável das vivências e dos acontecimentos históricos associados à afirmação do poder régio português no Atlântico e à consolidação

do sistema defensivo marítimo de Angra do Heroísmo ao longo do século XVI. Recuperada em contexto subaquático, no alinhamento do Forte de Santo António, integra materialmente o dispositivo militar que assegurou a defesa da baía e o controlo estratégico das rotas oceânicas, refletindo práticas específicas de artilhamento costeiro diretamente relacionadas com a proteção dos navios da Carreira da Índia e com a salvaguarda das funções logísticas e militares do porto de Angra.

A peça enquadra-se na cronologia das grandes transformações bélicas do período manuelino-joanino, constituindo evidência concreta da adoção de artilharia de longo alcance no contexto da Revolução Militar quinhentista, que veio alterar profundamente as técnicas de guerra naval e a arquitetura defensiva das ilhas atlânticas. O seu valor histórico é igualmente relevante para a compreensão dos episódios de tensão e conflito que marcaram a segunda metade do século XVI, nomeadamente a resistência açoriana à União Ibérica (1580–1583) e a subsequente reorganização estratégica dos aparelhos defensivos insulares.

A colubrina documenta, assim, de forma exemplar, as práticas militares, a cultura material da guerra e as dinâmicas político-estratégicas que moldaram a história dos Açores e o papel que estes desempenharam no equilíbrio militar do Atlântico. A sua preservação permite um acesso direto a vivências históricas determinantes para a compreensão da identidade militar, territorial e geoestratégica da região e, por extensão, do país.

- d) **O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem:** o bem distingue-se pelo seu excecional valor estético, técnico e material, evidenciando uma síntese incomum entre funcionalidade militar, mestria metalúrgica e linguagem artística erudita. Do ponto de vista material, trata-se de uma boca-de-fogo em bronze de grandes dimensões, fundida com elevado rigor técnico, cuja integridade estrutural e estado de conservação permitem reconhecer a qualidade da liga metálica e da execução original. O comprimento de 4,391 m, o rácio de cerca de 36 calibres e o calibre de 118 mm demonstram uma engenharia precisa, característica das colubrinas de grande alcance, exigindo um nível avançado de controlo da fundição e da conformação do tubo.

Sob o ponto de vista estético, a peça apresenta um programa decorativo renascentista de rara sofisticação, integrado na morfologia militar: acantos trilobados, mascarões, festões, armas reais portuguesas, esfera armilar e a figura de um guerreiro clássico na cascavel.

Esta articulação entre forma, função e ornamentação confere à colubrina um carácter singular no panorama da artilharia portuguesa do século XVI, assumindo-se como a mais antiga boca-de-fogo decorada conhecida no país, elemento que reforça o seu valor artístico e a sua exemplaridade formal.

No domínio técnico, a colubrina revela um domínio avançado da fundição de bronze quinhentista, refletindo a capacidade das oficinas lisboetas de produzir peças de grande comprimento e parede uniforme, com requisitos de precisão e resistência altamente exigentes para a época. A execução da peça, identificada pela marca do mestre fundidor Joam Diaz (IODIZ), constitui prova da excelência tecnológica atingida e da relevância material da obra no contexto do armamento régio.

- e) **A Extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva:** a colubrina constitui um bem de forte expressão material e simbólica, cuja dimensão física, imponente formal e inserção histórica refletem de modo particularmente significativo a memória coletiva associada à defesa marítima da baía de Angra do Heroísmo. Enquanto peça de artilharia de grande alcance, integrada no sistema defensivo do Monte Brasil, a sua presença materializa a experiência histórica das comunidades locais face às ameaças externas, nomeadamente corsárias e militares, que marcaram profundamente a vivência insular ao longo da Época Moderna.

A associação direta ao Forte de Santo António e ao dispositivo defensivo de Angra confere à colubrina um valor identitário acrescido, evocando o papel decisivo da ilha Terceira como ponto estratégico de controlo e proteção das rotas atlânticas. Neste sentido, o bem assume-se como testemunho tangível das práticas de resistência, vigilância e afirmação territorial do arquipélago, integrando-se na memória histórica coletiva dos Açores enquanto espaço-chave da estratégia marítima portuguesa.

Do ponto de vista da memória coletiva, o bem representa um elemento identitário das vivências militares e marítimas que marcaram a história dos Açores, evocando o papel decisivo da Terceira como ponto estratégico de apoio e controlo das rotas oceânicas. A presença desta colubrina no sistema defensivo de Angra traduz, de forma tangível, a experiência histórica das comunidades locais face a ameaças externas, corsárias e militares, tornando-se uma referência simbólica das práticas de resistência, defesa e afirmação territorial do arquipélago.

- f) **A importância do bem na perspetiva da sua investigação histórica ou científica:** O bem assume particular relevância no âmbito da investigação histórica e científica, constituindo uma fonte material relevante para o estudo da artilharia portuguesa do século XVI, das práticas de fundição em bronze e das dinâmicas defensivas que moldaram a presença do Reino de Portugal no Atlântico. A colubrina permite aprofundar o conhecimento sobre as tecnologias metalúrgicas quinhentistas, sobre os processos de fabrico e ensaio de bocas-de-fogo de grande alcance e sobre a circulação de saberes técnicos entre as oficinas régias e os espaços insulares e ultramarinos.

Enquanto objeto recuperado em contexto arqueológico subaquático, integra um conjunto de vestígios fundamentais para a compreensão científica do sistema defensivo marítimo de Angra do Heroísmo, fornecendo dados relevantes sobre a organização logística, o posicionamento estratégico da artilharia costeira e as respostas militares às ameaças externas no Atlântico. A análise do exemplar contribui, ainda, para o estudo comparativo da artilharia europeia coeva, permitindo enquadrar a produção portuguesa no contexto mais alargado da inovação técnica e artística da Época Moderna.

A sua preservação e estudo possibilitam, assim, a manutenção e transmissão de uma memória partilhada, alicerçada num património que combina valores científicos, históricos e identitários, contribuindo para o reforço do conhecimento e da consciência pública sobre a importância do património militar dos Açores no quadro mais amplo da história atlântica portuguesa.

Em síntese, trata-se de uma peça de artilharia quinhentista de excecional raridade, considerada o mais antigo exemplar português decorado e a obra inaugural conhecida do mestre fundidor Joam Díaz. Recuperada em contexto arqueológico subaquático, junto ao alinhamento defensivo do Forte de Santo António, integra de forma inequívoca o dispositivo marítimo de Angra. A colubrina constitui um marco fundamental na compreensão da evolução tecnológica da fundição de artilharia em bronze e das práticas balísticas de longo alcance no início da Revolução Militar quinhentista, refletindo o papel estratégico dos Açores na defesa atlântica do reino.

Refira-se ainda que o Forte de Santo António, situado a Sudeste do Monte Brasil, em frente ao qual a colubrina foi recuperada em contexto arqueológico subaquático, terá muito provavelmente sido

artilhado por esta peça desde meados do século XVI, integrando-a no dispositivo defensivo que protegia a Baía de Angra. O forte constitui um dos elementos estruturantes do conjunto fortificado do Monte Brasil, o qual se articula diretamente com o Centro Histórico de Angra do Heroísmo, classificado como Património Mundial pela UNESCO desde 1983. A integração desta colubrina no referido contexto espacial e histórico reforça a sua relevância enquanto testemunho material das práticas defensivas e da estratégia militar atlântica desenvolvida pela Coroa portuguesa.

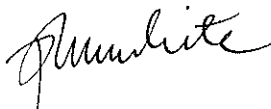
Importa igualmente salientar que o Museu de Angra do Heroísmo, instituição responsável pela custódia da peça, integra a Rede Portuguesa de Museus, o que atesta o cumprimento de normas de qualidade museológica, de conservação preventiva e de gestão patrimonial, reforçando as garantias de salvaguarda, estudo e valorização pública do bem.

4.2. Proposta de decisão

Assim, e nos termos do disposto no artigo 15.º, n.º 4, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e no artigo 3.º, n.º 2, alínea a), do Decreto-Lei n.º 148/2015, de 4 de agosto, propõe-se:

A abertura do procedimento de classificação da colubrina em bronze de 1545 (MAH.R.1991.0676) como Bem Móvel de Interesse Nacional – “Tesouro Nacional”.

À consideração superior,



Roberto Leite
Coordenador de Bens Culturais